Meu Mar – Timor: representações de um sofrimento histórico nas poéticas de Fernando Sylvan e Xanana Gusmão

Fabio Mario da Silva*

Através de um ritmo transparente e narrativo, Fernando Sylvan[1] (1917-1993) e Xanana Gusmão[2] (1946) transfiguram uma realidade lírica que demonstra os desígnios humanos de maneira frontal e clara, de um povo (o timorense) que – apesar de seus gritos lancinantes e de suas próprias lamúrias – encara sempre com esperança a possibilidade de liberdade e de luta.

Com uma recente independência – apenas confirmou sua soberania em 2002 –, Timor-Leste[3] tenta consolidar uma literatura que em vias de fato está sendo construída sob a face de um multilinguismo[4], sendo o português falado por apenas 5 % da população[5]. Mesmo assim, encontramos duas importantes figuras intelectuais que escreveram, além de diversos tipos de gêneros textuais, uma poesia em língua portuguesa que canta as belezas míticas de Timor e do seu Mar. Essa escolha da língua portuguesa como aquela que expressa os sentimentos mais profundos do poeta tem a ver com uma escolha dos Timorenses pela língua de um dos "invasores" que menos trouxe consequências drásticas ao país.

Xanana Gusmão, por exemplo, defende os pontos positivos para o povo Maubere de uma tão prolongada presença portuguesa em Timor[6], argumentando que os Portugueses trouxeram (i) a cristianização, que não alterou radicalmente os fundamentos morais da sociedade indígena, (ii) uma certa miscigenação cultural e, por fim, a (iii) aquisição de uma língua estrangeira – o Português – como fator para uma interpretação mais polivalente da realidade (cf. 2002:54). Tal defesa se sustenta no apoio que os Portugueses deram a Timor-Leste para sua independência em relação à Indonésia. O português deixou de ser o invasor para ser o aliado no processo de liberdade de uma nação que sofreu os horrores e mazelas de tantas invasões – as portuguesas, as holandesas, as australianas, as japonesas e as indonésias. Em relação ao sincretismo religioso notamos mais destacadamente esta temática na poesia de Fernando Sylvan, em que o "eu" do poeta, assumidamente como povo autóctone, demonstra

* Universidade de Évora/Bolseiro FCT

[1] Pseudônimo literário de Abílio Leopoldo Motta-Ferreira (Díli, 26 de Agosto de 1917 – Cascais, 25 de Dezembro de 1993).

[2] José Alexandre "Kay Rala Xanana" Gusmão (Manatuto, 20 de Junho de 1946) foi o principal ativista contra a dominação indonésia e o primeiro presidente da República Democrática de Timor-Leste .

[3] Timor-Leste tem cerca de 1 milhão de habitantes em pouco mais de 15 mil km² e caracteriza-se por uma elevada diversidade linguística. Considera-se que existem atualmente em Timor cerca de 16 a 32 línguas (e dialetos) diferentes e que precisam ser estudadas.

[4] Timor tem duas línguas oficiais: o Tétum e o Português; e duas línguas de trabalho: o Indonésio e o Inglês. Para Hanna Batoréo e Margarida Casadinho, esse multilinguismo é encarado por muitos timorenses como "uma característica natural da sua existência e manifestam lealdade linguística e uma atitude linguística positiva face ao português" (2009:87).

[5] Um censo realizado em 2002 comprovou que 82% falava tétum, 42% o bahasa indonésio, e 5% o português.

[6] Timor foi descoberto por um navegador ou marinheiro português, entre 1512 e 1516. Logo em seguida, com a chegada dos padres dominicanos, começa a evangelização dos povos autóctones.

como foi assimilada a influência religiosa[7], ativada pela Igreja Católica, que foi um dos pilares de resistência[8] contra a assimilação cultural indonésia:

Menino Jesus da minha cor

Meu Natal Timor,
Meu primeiro Natal.

Quantos anos tinha?!
Nunca o soube ao certo.

Minha Mãe-Menina
Fez-me o seu presépio:
Uma encosta arrancada ao Ramelau
Com uma gruta ausente
Cheia de Maromak
E perfume de coco,
Um búfalo e um kuda
E o bafo quente dos seus pulmões.
E um menino sobre a palha de arroz
E folhas de cafeeiro.

Um menino branco
Igual aos que chegavam de longe.

– Inan, quem é?
– É o Maromak-Filho e teu Irmão!

E eu recuei, porque via no berço
Um menino rosado,
Um menino branco
Igual aos que chegavam de longe.

[7] Destacamos ainda outros poemas nos quais fica clara a presença de um Deus cristão que comunga, por exemplo, com a natureza profícua timorense, como no caso do poema "Planeta". Ou ainda na composição "Poema Timor", na qual aparece a figura de Jesus Cristo visitando Timor através da figura do Papa João Paulo II.

[8] Tal influência católica na luta de libertação e de paz para o sofrimento do povo timorense foi destacada pelo prêmio Nobel quando o bispo católico timorense Carlos Filipe Ximenes Belo, em conjunto com o jurista e político José Ramos-Horta, ganharam visibilidade mundial com o recebimento do Nobel da Paz em 1996, justamente pelo seu trabalho "em prol de uma solução justa e pacífica para o conflito em Timor-Leste".

– Ele é, mais do que todos, teu Irmão…
– Mas como pode ser um meu irmão?
– É teu Irmão: Firma-lhe bem teus olhos, meu Amor!

E eu, obedecendo,
Firmei-me todo n'Ele.
E vejo-O desde então
Também da minha cor.[9]

O poema gira em torno de um ensinamento que tenta obter uma fusão entre concepções religiosas diferentes, mostrando uma certa influência do catolicismo na prática mística e espiritual do povo timorense. Por isso o "eu" do poema escuta atentamente as observações de sua mãe e tenta assimilar essa cultura trazida pelos padres dominicanos, sem perder no entanto – nem de forma parcial e nem de forma total – os elementos de sua identidade cultural. Isso tudo acontece por causa do multifacetismo que constitui a identidade desta nação:

> O Povo Maubere alimenta-se ainda das suas tradições e os seus costumes permanecem sagrados. E é nas suas tradições e nos seus costumes que reside o plano superior das suas concepções, da sua maneira de ser e da sua própria vida. O Povo Maubere caracteriza-se, essencialmente, na sua concepção sobre a honra, pois é um povo que se orgulha dos seus atos e menospreza os bens materiais. (Gusmão, 2002:148)

Desta forma, Xanana Gusmão, principal ativista pela independência, admite em um dos seus poemas que o fato de estar em guerra é compreender que "o mar não é meu"[10]. Toda esta evocação lírica é assente na ideia de "direito do mar"[11], como forma de reivindicá-la como sua "terra-espaço", já que para os Timorenses o mar representa um mosaico de sentidos que, segundo Maria João de Moreira, durante os muitos anos de domínio estrangeiro, deixou de proporcionar aprazimento:

---

[9] Págs. 20-21. Todos os poemas de Fernando Sylvan fazem parte da coletânea *A Voz Fagueira de Oan Tímor*, organizada por Artur Marcos e Jorge Marrão, Lisboa, Edições Colibri, 1993. Por isso, apenas iremos indicar, através de nota de rodapé, o título e a página dos poemas citados neste artigo

[10] "Poema!", pág. 12. Todos os poemas de Xanana Gusmão citados fazem parte da obra *Meu Mar – Poemas e Pinturas*, edição bilíngue em português e tétum e com fotos de quadros do autor, Porto, Granito Editores e Livreiros, 1998. Por isso, apenas iremos indicar, através de nota de rodapé, o título e a página dos poemas citados neste artigo.

[11] Segundo Maria João de Moreira, em sua dissertação de mestrado apresentada à Universidade de Lisboa, este conceito apresenta um conjunto de normas jurídicas surgidas como denominação das conferências promovidas pelas Nações Unidas com o objetivo de regulamentar os espaços marítimos em 1947 e tem "a sua origem em tradições transformadas depois em usos, costumes e regulamentações europeias, que tenderam a deparar-se com a resistência de países que não o eram. Tornou-se evidente a necessidade de o unificar e tornar universalmente aceite; esta foi uma das mais determinantes preocupações que conduziram aos desenvolvimentos posteriores" (1998:16-17).

> Numa época em que o mar é uma figura tão mediática, foco de tantas atenções e atividades várias, não se pode deixar de pensar na sua dimensão de fonte de lazer, saúde e cultura. E para os Timorenses, seria isso que provavelmente o mar representaria, não fossem as circunstâncias em que foram colocados. (1998:123)

É exatamente esse um dos sentidos contidos na poética de Xanana Gusmão: o mar representa, num momento crítico da história de Timor, um aviso daqueles que vêm usurpar a terra:

> Do mar, do meu mar,
> vinham tremores
> saídos de barcos.[12]

Isto acontece, como constatou Benjamin Abdala Junior, porque "os fatos poéticos imbrincam-se enfaticamente com os políticos na literatura de Timor-Leste, quer o poeta esteja em solo nacional, quer na diáspora"[13] (2004:110). Entretanto, Xanana Gusmão demonstra, em outro poema, uma certa nostalgia do mar perdido, do mar que seria feito para as crianças: os filhos da terra necessitariam do acalentar marítimo, pois só ele poderia regozijar a infância timorense:

> Pudesse eu
> prender entre os dedos
> os suspiros do mar
> e distribuí-los
> às crianças[14]

No mesmo poema de Xanana Gusmão o mar deixa de ser caracterizado apenas por atributos prosopopeicos para ser comparado a uma lembrança, como um estribilho da memória e do coração, já que ele – que é vário, mas sempre o mesmo – se confunde com os seus primeiros anos de vida. É, sobretudo, um desejo telúrico de ouvir as crianças (reflexos do mar), que representam toda a magnitude e alegria que podem trazer ao "eu" do poeta:

> Pudesse eu
> sentir nos dedos
> o beijo das espumas
> e ouvir risos

[12] Poema sem título, pág. 16.
[13] Fernando Sylvan, apesar de ter nascido em Díli, capital de Timor-Leste, viveu a maior parte de sua vida em Lisboa, mas nunca deixou de reivindicar os direitos políticos e de libertação de seu povo, por isso na sua poética encontramos temas líricos e políticos que estão extremamente ligados. Como intelectual empenhado foi presidente da Sociedade da Língua Portuguesa.
[14] "Meu Mar", pág. 14.

de crianças[15]

Também em Fernando Sylvan o ritmo do mar se confunde com as atitudes de crianças. Ou seja, o mar se humaniza e as crianças tornam-se mar, por isso a fina sensibilidade do autor constrói versos com imagens telúricas, porém não deixa, ao final do poema, de constatar uma triste realidade para as crianças timorenses:

as crianças buscam na praia dos seus pensamentos
e banham-se no mar dos seus longos sonhos

a praia e o mar das crianças não têm fronteiras

e por isso todas as praias são iluminadas
e todos os mares têm manchas verdes

mas muitas vezes as crianças crescem
sem voltar à praia sem voltar ao mar.[16]

O oferecimento e a partilha com o mar cedem vez a um recuo nostálgico (tanto em Fernando Sylvan como em Xanana Gusmão), que além de ser cercado pela visão da imensidade, apresenta-se como uma forma de indagação e contemplação do mundo. Por isso, para a construção dessa reflexão e recuo às imagens de saudosismo, Xanana Gusmão faz uso do pretérito imperfeito do modo subjuntivo para indicar algo que pudesse vir a acontecer, expressando o desejo mais íntimo do "eu" poeta:

Se eu pudesse
ao entardecer das ondas
caminhar pela areia
entregue a mim mesmo
no enlevo molhado da brisa
e tocar a imensidão o mar
num sopro da alma
que permita meditar o futuro
da ilha de Timor.[17]

Também na poesia de Fernando Sylvan encontramos uma convocação aos sentidos através das ações do mar, que se estratifica como memória do povo timorense:

[15] Idem, ibidem.
[16] "Infância", pág. 33.
[17] "Oh! Liberdade", págs. 31-32.

Não sei se o mar tem voz
Mas a sua voz
Desde pequeno me falava hirto
E eu via nele
o que não existia na memória.

(…)

Foi ele que me disse
que havia Espaço e Tempo.
E comecei a viajar sem medo da viagem.[18]

O mar também serve como metáfora das horas para a espera da mulher amada: "chegas sempre à hora em que o mar / é mais transparente"[19]. Desta forma, o amor e o mar enlaçam-se como confidentes, condicionam-se e comparam-se, num largo ímpeto lírico, caracterizando-se pela sinceridade total:

O mar
à minha beira
voltado para mim
falou da sua grandeza
dos mundos que o habitam
das forças que o animam
da vida em que reflui.
E eu falei-lhe de ti
E o mar sentiu-se pequeno.[20]

Se por um lado Maria de Santa Cruz diz que na poética de Fernando Sylvan encontramos "as diversificadas elipses e a envolvente branquilogia, ou omissão de pensamentos em princípio necessários à comunicação" (1993:6), nas palavras de Mia Couto, na obra poética de Xanana Gusmão, encontramos "não apenas poesia mas uma epopeia de um povo, um heroísmo que queremos partilhar, uma utopia que queremos que seja nossa" (1998:6). Essa utopia se baseia numa forma de nacionalismo conjugada no desejo de libertação de um povo, porque esta nação se definiria, nas próprias palavras de Gusmão, com "uma algema de lágrimas" (2002:53), porque vida e morte[21] comungam o mesmo caminho para os Timorenses. Por isso

[18] "Rota", pág. 14.
[19] Fernando Sylvan, "Sem título", pág. 79.
[20] Fernando Sylvan, "13", pág. 83
[21] Segundo Xanana Gusmão, o nacionalismo em Timor é construído sob o signo da morte, pois só ela poderá trazer a vida e um futuro livre ao seu povo: "A história sempre se referiu ao nacionalismo dos povos com um elemento fundamental que os sustenta como tais, nacionalismo que foi origem de tantas guerras com a consequente formação de tantas nações do mundo de ontem e de hoje, e a história do Povo Maubere

encontramos poemas com certo realismo que palpita sob fortes imagens, demonstrando os desígnios humanos de maneira frontal e clara:

> Timor
> onde as pessoas
> nascem para morrer
> pela esperança
> em rasgos de dor
> em rasgos de sangue
> em rasgos de vida
> em rasgos de alma
> em rasgos
> da própria liberdade
> que se alcança...
> com a morte![22]

Também encontramos na poética de Fernando Sylvan alguns poemas que revelam um certo "manifesto" com a intenção didática de buscar uma identificação entre o "eu" com o seu povo, cantando o desejo de finalmente se libertar das amarras estrangeiras: "A vida é a liberdade / de um povo que não morre!"[23] Um povo que resistiu aos maiores infortúnios e resignações humanas mas que conservou a sua essência: "Não vos tiraram tudo. / Deixaram-vos a alma e o futuro."[24] Complementa mais ainda Fernando Sylvan:

> As florestas serviam
> desde séculos e séculos
> como templo sagrado
> de rezar liberdade.
> (...)
> E ainda servem agora
> a heróis guerrilheiros
> como templo sagrado
> de rezar a liberdade![25]

As florestas foram protetoras daqueles que fugiam do inimigo invasor e também sagradas por acolher o mais importante mito timorense: o da génese de sua história, que se confunde com as tradições locais em volta do mar, como elucida Xanana Gusmão:

---

insere também, desde os tempos imemoriais, páginas sangrentas como o atestado do seu nacionalismo" (2002:59)
[22] Xanana Gusmão, "Esperanças rasgadas", pág. 26.
[23] "Manifesto Maubere", pág. 71.
[24] "Aviso aos índios", pág. 57.
[25] "velhas florestas de agora", págs. 72-73.

Do fundo do mar
um crocodilo pensou buscar o seu destino
e veio por aquele rasgo de luz

Cansado, deixou-se estirar
no tempo
e suas crostas se transformaram
em cadeias de montanhas
onde as pessoas nasceram
e onde as pessoas morreram
Avô crocodilo

– diz a lenda
e eu acredito!
é Timor![26]

Porém, Fernando Sylvan, através de uma outra versão deste mito[27], fala-nos da lenda de um crocodilo que sonhava ter um tamanho descomunal, expressando tais pensamentos cantarolando. O crocodilo vivia isolado e durante séculos passou fome. Tendo em vista as altas temperaturas, também ficou sem seu habitat natural, porém, um jovem vendo tal situação ajudou o crocodilo a encontrar um pântano com comida farta, mesmo assim a fera pensou em devorar o rapaz. Contudo, uma voz vinda do inconsciente advertiu para não o fazer, lembrando-lhe que era a primeira vez que fazia um amigo. Com o passar dos anos o menino voltou ao pântano e pediu ao crocodilo que realizasse seu sonho: desbravar o mar e conhecer outras terras. Eternamente grato ao jovem, o crocodilo sente-se na obrigação de ajudar seu amigo, o jovem acomoda-se na sua crosta e durante dias e noites navegaram mar afora: nunca paravam, ficaram embevecidos com um mundo novo e maravilhoso que encontravam, até quando o crocodilo se cansou e lhe disse: "Ouve-me, rapazinho, não posso mais! O meu sonho acabou... – O meu não vai acabar"[28] (Sylvan, 1988:22).

Entretanto, antes mesmo do rapaz terminar a frase o crocodilo aumentara incomensuradamente, transformando-se na ilha de Timor: uma ilha cheia de montes, florestas e rios. A conjunção entre a harmonia humana e a natureza, o mar com o sonho, a criança com a fera, demonstra como desde tempos imemoriais, na cultura timorense, se procura valorizar a comunhão do homem com o mundo que o cerca. Por isso, os discursos nacionalistas em Timor ancoram-se em imagens locais e tradicionais, "em valores e construções simbólicas pré-

[26] "Avô Crocodilo", pág. 20
[27] Lembra-nos Nuno Canas Mendes que "O fundo mítico timorense – *kanoik*, a palavra em tétum para lenda, mito, fábula – é extraordinariamente rico e indica uma consciência de comunidade antiga. Está bastante vulgarizado o mito tétum de origem e ascendência comum encontrado na ilha. Timor deriva de um crocodilo que trouxe no seu dorso o primeiro habitante antepassado de todos os Timorenses" (2005:111).
[28] Tal obra foi editada em português, inglês e tétum.

existentes" (Guedes, 2005:82). Neste sentido, o crocodilo ajuda seu povo contra o invasor, a fita verde de folha de palmeira identifica o timorense do estrangeiro:

> E atravessei a ribeira onde
> Moravam meus irmãos crocodilos.
> E pelo sinal da fita verde de folha de palmeira
> Não me devoraram.[29]

O mar é onde tudo começa, dele nasce o amigo crocodilo, que lhes dá terra e protege contra o inimigo. Do mar nascem os aspectos culturais de identificação do povo, dele advém a esperança, o alimento, o divertimento, os invasores, a imensidão que faz com que o poeta se perca completamente na metafísica da sua criação. O mar deixa de ser mar para se tornar poesia, se tornar o canto nostálgico de dois poetas que se enxergam nele como reflexo de sua própria identidade.

Por fim, cremos que tanto Fernando Sylvan, quanto Xanana Gusmão se expressam poeticamente em português como forma de afirmação da identidade cultural maubere, com objetivos de negação de uma identidade indonésia (por isso de cunho político[30]) e como forma de afirmar as múltiplas facetas do seu povo. Contudo, lembremos que tal escrita é apenas uma das possibilidades da literatura timorense:

> Seja qual for o desenvolvimento que uma eventual 'literatura timorense de expressão portuguesa' venha a ter – deverá estar sempre presente no hipotético leitor que ela é, ou será, apenas uma das literaturas possíveis de expressão tétum ou mambae ou macassae ou de qualquer expressão conforme com a de grupo etnolinguístico local sobrevivente à ocupação militar indonésia. (Marcos, 1995:92)

Porém, com os vários problemas sociais que sofre Timor-Leste, o acesso à cultura e à literatura tornam-se privilégio de poucos e talvez por isso é uma literatura que tenta se afirmar a cada dia em meio aos problemas sociais e a reconstrução de um povo que só há pouco tempo teve liberdade para se fazer nação. Os sonhos timorenses continuam ainda presentes agora na forma de desejo de desenvolvimento social, pois – como constatou Pedro Rosa Mendes, depois de uma visita a Timor-Leste – neste país "os sonhos de cultura sofrem os soluços e atrasos dos sonhos da nação: os avanços são muito sofridos e efémeros, os recuos são devastadores" (2008:20).

[29] Fernando Sylvan, "Invasão", pág. 17.
[30] Observa Benjamin Abdala Júnior que "na poesia, analogicamente, a tradição escrita portuguesa é trabalhada pelos poetas timorenses na óptica da tradição oral dos Lia-Nain (Senhores da Palavra). A atitude poética é de intervenção política explícita: os textos editados costumam ser bilíngues, com criação em tétum e em português" (1995:103). Por isso encontramos algumas obras de Fernando Sylvan e Xanana Gusmão editadas em duas ou três línguas.

Referências bibliográficas:

BATORÉO, Hanna; CASADINHO, Margarida, "O Português – uma língua pluricêntrica: o caso de Timor-Leste. De que forma os timorenses perspectivam e avaliam uma das suas línguas oficiais faladas apenas por cinco por cento da população", in *Revista Portuguesa de Humanidades. Estudos Linguísticos*, vol. 13, Lisboa, Universidade Católica Portuguesa, 2009, págs. 75-92.

COUTO, Mia, "Prefácio – O verso e o universo", in GUSMÃO, Xanana, *Timor-Leste – Um Povo, uma Pátria*, prefácio de Mário Soares, Lisboa, Colibri, 2002, págs. 6-8.

CRUZ, Maria de Santa, "Figuras do silêncio", in SYLVAN, Fernando, *A Voz Fagueira de Oan Tímor*, org. Artur Marcos e Jorge Marrão, prefácio Maria de Santa Cruz, Lisboa, Colibri, 1993, págs. 5-9.

ESPERANÇA, João Paulo T., "Um brevíssimo olhar sobre a Literatura de Timor", in *Mealibra – Revista de Cultura*, Viana do Castelo (Portugal), Centro Cultural do Alto Minho, série 3 (16), verão 2005, págs. 131-34, disponível em: http://www.freewebs.com/jpesperanca/Um%20brevissimo%20olhar%20sobre%20a%20literatura%20de%20Timor_Mealibra.pdf , acesso em 10 de setembro de 2011.

GUEDES, Armando Marques, "A complexidade estrutural do nacionalismo timorense", in GUEDES, Armando Marques; MENDES, Nuno Canas (eds.), *Ensaios sobre o nacionalismo em Timor-Leste*, Lisboa, Instituto Diplomático, 2005, págs. 79-104.

GUSMÃO, Xanana, *Timor-Leste – Um Povo, uma Pátria*, prefácio de Mário Soares, Lisboa, Colibri, 2002.

_____, *Meu Mar – Poemas e Pinturas*, prefácio de Mia Couto, edição bilíngue português-tétum, Porto, Granito Editores e Livreiros, 1998.

JUNIOR, Benjamin Abdala, "Timor, nos horizontes da língua portuguesa", in GARMES, Hélder (org.), *Engenho e Arte: imprensa e literatura de língua portuguesa em Goa, Macau e Timor-Leste*, São Paulo, Alameda, 2004, págs. 107-14.

MARCOS, Artur, *Timor Timorense com suas línguas, literaturas, lusofonia…*, Lisboa, Edições Colibri, 1995.

MENDES, Nuno Canas, "A construção do nacionalismo timorense", in GUEDES, Armando Marques; MENDES, Nuno Canas (eds.), *Ensaios sobre o nacionalismo em Timor-Leste*, Lisboa, Instituto Diplomático, 2005, págs. 105-240.

MENDES, Pedro Rosa, "Timor-Leste: onde a cultura é criação de identidade", in *TerritórioArtes*, Lisboa, Direção-Geral das Artes, setembro 2008, págs. 20-29.

MOREIRA, Maria João Caramelo, *Timor-Leste e o direito do mar: uma questão de justiça*, dissertação de mestrado, Lisboa, Universidade de Lisboa, 1998.

SYLVAN, Fernando, *A Voz Fagueira de Oan Tímor*, org. Artur Marcos e Jorge Marrão, prefácio Maria de Santa Cruz, Lisboa, Colibri, 1993.

_____, *Cantalenda Maubere/Hananuknanoik Maubere/The legends of the Mauberes*, pinturas e desenhos de António P. Domingues, Lisboa, Fundação Austronésia Borja da Costa, 1988.